



REESMA, Humaitá - Amazonas, Volume XX, nº 2, jul-dez. 2026, p. 155-167.

NOSSA COR, NOSSAS RAÍZES: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS AFRORREFERENCIADAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

OUR COLOR, OUR ROOTS: AFRO-REFERENCE PEDAGOGICAL PRACTICES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

Kess Machado Garcia¹
Daniele Viana Ramos²

Resumo: O presente relato de experiência tem como objetivo apresentar o projeto “Nossa cor, nossas raízes”, desenvolvido na EMEI Terras de Marambaia, em Nova Iguaçu/RJ, com a intenção de valorizar a identidade e a diversidade étnico-racial das crianças. A proposta surgiu da observação de produções artísticas espontâneas, muitas crianças negras não se autorrepresentavam de forma fidedigna, optando por tons de pele mais claros. Como metodologia, foram utilizadas estratégias criativas como a produção de gizos em diferentes tonalidades de pele, leituras de obras literárias infantis com protagonismo negro, exibição de curtas-metragens, confecção de autorretratos, atividades sobre texturas de cabelo e construção de murais com personalidades negras históricas. Os resultados evidenciaram maior reconhecimento das crianças em suas próprias características físicas e maior interesse em referências negras positivas, fortalecendo o senso de pertencimento e orgulho da identidade. Conclui-se que iniciativas como esta são fundamentais para a efetivação de uma educação infantil antirracista.

Palavras-chave: Educação Infantil; Identidade étnico-racial; Diversidade; Afrorreferencia; Representatividade.

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Atua como e professora da Secretaria de Educação de Nova Iguaçu/RJ. (SME/ Nova Iguaçu) E-mail: kessm.garcia@gmail.com. Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0005-3976-5929>.

² Licenciatura e Bacharelado em Educação Física pelo Centro Universitário da Associação Brasileira de Ensino Universitário (UNIABEU), professora e gestora na Secretaria Municipal de Nova Iguaçu (SME/ Nova Iguaçu/RJ) e professora na Secretaria Municipal de Belford Roxo (SME Belford Roxo/RJ). E-mail: dannyvianna1988@gmail.com. Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0002-1360-2847>.



Abstract: This experience report aims to present the project “Nossa cor, Nossas raízes” (Our Color, Our Roots), developed in Early Childhood Education at EMEI Terras de Marambaia, in Nova Iguaçu/RJ, with the purpose of valuing children’s identity and ethnic-racial diversity. The project emerged from the observation that, in spontaneous artistic productions, many Black children did not accurately represent themselves, often choosing lighter skin tones. The methodology included creative strategies such as making crayons in different skin tones, reading children’s books with Black protagonists, screening short films, producing self-portraits, exploring hair textures, and creating murals with historical and contemporary Black personalities. The results demonstrated greater recognition of children’s own physical characteristics and increased interest in positive Black references, strengthening a sense of belonging and pride in their identity. It is concluded that initiatives like this are essential for the implementation of an antiracist and humanizing early childhood education.

Keywords: Early Childhood Education; Ethnic-Racial Identity; Diversity; Afro-Reference; Representativity.



1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o intuito de compartilhar um relato de experiência vivenciado na Educação Infantil, com foco no desenvolvimento do projeto “Nossa cor, nossas raízes”. A proposta surgiu a partir da necessidade de refletir sobre como as crianças pequenas constroem suas percepções de si mesmas e dos outros, especialmente no que se refere às questões étnico-raciais. Nesse sentido, compreende-se que a escola é um espaço privilegiado para promover práticas pedagógicas que favoreçam a valorização da identidade, da ancestralidade e da diversidade cultural, em consonância com a Lei nº 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. A experiência foi desenvolvida na Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Terras de Marambaia, situada em Nova Iguaçu/RJ, em uma comunidade marcada por diversidade de cores, traços e pertencimentos culturais. Inspirado nos princípios da educação afroreferenciada que reconhece e legitima referências, saberes e práticas oriundas das matrizes africanas e afro-brasileiras, o projeto buscou favorecer o protagonismo das crianças na construção de uma autoimagem positiva. A partir da observação inicial de que, em suas produções artísticas, elas frequentemente utilizavam tons de pele mais claros para se autorrepresentar, delineou-se o objetivo central da proposta: fortalecer a identidade étnico-racial na infância por meio de práticas lúdicas, criativas e significativas. A relevância deste trabalho reside na compreensão de que, ao valorizar as raízes e estimular o pertencimento desde os primeiros anos escolares, contribui-se para a construção de uma educação antirracista e humanizadora.

2 MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia adotada neste relato de experiência consistiu no planejamento e execução do projeto Nossa cor, nossas raízes, desenvolvido com crianças de 02 a 05 anos da Educação Infantil da EMEI Terras de Marambaia na sala de leitura. O projeto foi estruturado em etapas que envolveram momentos de sensibilização, exploração, produção artística e socialização.

Para o desenvolvimento das atividades, foram utilizados diferentes recursos pedagógicos, como filmes e livros com protagonismo negro, imagens de figuras históricas negras de relevância social, histórica e cultural, além da realização de autorretratos com materiais diversos e produção artesanal de gizes de cera em formato de coração e tintas



com tonalidades de pele diversas. Essas práticas tiveram como objetivo ampliar o repertório cultural das crianças, promover o reconhecimento de identidades e estimular a valorização da cultura afro-brasileira em diálogo com o território em que vivem.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A EMEI Terras de Marambaia é uma instituição pública que está situada no Bairro Jardim Parque Estoril (Tinguá), Nova Iguaçu, Rio de Janeiro. É uma escola que proporciona uma vista da Reserva Biológica Federal do Tinguá. A escola está dentro de um território rural com cinco escolas de educação do campo de Nova Iguaçu ao seu redor, e mesmo com tais características, ainda não está denominada e incluída nas 12 escolas do campo existentes no município.

Tinguá é um local rico em patrimônios históricos importantes como a Reserva Biológica, que é um dos últimos remanescente da Mata atlântica no RJ, a Torre Sineira da Igreja de Nossa Senhora da Piedade, o Cemitério de Nossa Senhora do Rosário (Cemitério dos Escravos), o Porto do Iguaçu, a Estrada Real do Comércio, a Fazenda São Bernardino, mais conhecido como Casarão de Tinguá, a Ferrovia Rio D'Ouro, todos esses sendo patrimônios tombados pelo Instituto estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC), reforçando a relevância cultural do território em que a escola se insere.

Colocar em perspectiva o território onde a escola está inserida se faz necessário para fortalecer o senso de pertencimento nas crianças. Esses monumentos também são marcos históricos de uma região que possui grande relevância cultural e ambiental, representando tanto a memória coletiva quanto às marcas de processos sociais que atravessam a história do Brasil, como a escravização, a colonização e a resistência das populações negras e indígenas.

Ao valorizar esse patrimônio material e imaterial no contexto escolar, abre-se espaço para que as crianças reconheçam-se como parte de uma comunidade com raízes históricas profundas, construindo vínculos identitários e culturais desde a infância. Essa perspectiva dialoga com a proposta do projeto Nossa cor, nossas raízes, que busca trabalhar a valorização da identidade, a representatividade e o respeito à diversidade étnico-racial na educação infantil.

A referida unidade escolar atende 78 crianças com idade entre 02 a 05 anos da comunidade local e adjacências, em 3 turmas no turno da manhã e 3 turmas no turno da



tarde. O corpo escolar conta com 16 funcionários sendo 5 professores, diretora geral e diretora adjunta, uma coordenadora escolar, uma auxiliar de secretaria, uma estagiária, uma agente de apoio e inclusão além dos funcionários terceirizados que cuidam da cozinha, limpeza e portaria.

À luz das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2009), a criança é compreendida como sujeito histórico e de direitos, que produz cultura ao mesmo tempo em que dela se apropria, aprendendo por meio das interações, da brincadeira e das múltiplas linguagens. Nessa perspectiva, a educação infantil não pode se restringir à imobilidade ou à mera transmissão de conteúdos, deve se constituir como espaço de movimento, experiências e criações significativas. Considerando esse entendimento, torna-se fundamental que a prática pedagógica valorize as identidades das crianças e os contextos socioculturais nos quais estão inseridas.

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009, p. 12)

Para pensar uma educação que contemple as crianças em suas subjetividades faz-se necessário não só abordar o tema da cultura afro-brasileira, mas nos debruçarmos sobre marcos legais como as leis 10.639/03 e 11.645/08 que tornam obrigatório o ensino de história e a cultura afro-brasileira, para além de novembro, mas durante todo período letivo, reafirmando a existência e o valor dessas culturas mesmo diante da exclusão e da tentativa de apagamento social, o que dialoga diretamente com a necessidade de fortalecer a autoconfiança da criança e incentivá-la conhecer sua história, suas origens e seu papel na sociedade, contribuindo para um desenvolvimento do pensamento crítico, pois estimula a criança refletir sobre preconceitos e desigualdades que já estão presentes no cotidiano dela, e assim se empoderando de sua capacidade totalitária através do enaltecimento da sua raiz.

A prática pedagógica na EMEI Terras de Marambaia dialoga com uma educação afrorreferenciada, nesse sentido uma educação afrorreferenciada vai muito além de um posicionamento limitante no mundo, faz-se necessário partir de uma cosmopercepção africana e afrodiaspórica, envolve a criação de espaços e oportunidades para que as



crianças possam aprender sobre a diversidade das experiências afro-brasileiras, reconhecendo suas influências nas artes, na ciência, na política, na filosofia e em outras áreas do conhecimento humano. Para enriquecer o ambiente educacional e também fortalecer a autoestima e a identidade das crianças negras, proporcionando-as um sentido de pertencimento cultural e conexão ancestral.

Aprender com o passado, fortalecer o presente e possibilitar outros futuros é a teia da educação para as relações étnico-raciais desde / com o pensamento afroreferenciado, ou seja, pensamentos oriundos das cosmo percepções africanas, tecidas pelo conhecer / aprender / sentir / ensinar por meio de vivências e experiências de corpos forjadores de conhecimento, portanto, implicam-se em pensamentos / conhecimentos / saberes oriundos de nossas raízes, de nossas tradições, de nossos chãos, de nossos corações, da nossa ancestralidade encantada. (Machado; Oliveira, 2022, p. 3)

Diante disso surge o projeto Nossa cor, Nossas raízes, que busca valorizar as histórias, traços, e identidades das crianças fortalecendo o reconhecimento de suas raízes e a riqueza da cultura afro-brasileira em nossa comunidade escolar. A literatura infantil foi um elemento muito importante para criar espaços onde o protagonismo negro é evidenciado a fim de elevar a autoestima e identificação das crianças.

A ideia de mobilizar um projeto voltado para as relações étnico-raciais na educação infantil surgiu a partir de inquietações a respeito de como as crianças do infantil 5A em 2024, da EMEI Terras de Marambaia se retratavam durante atividades artísticas espontâneas como desenhos livres e auto retratos e as cores que elas escolhiam para colorir personagens. Foi possível perceber que as crianças não se tinham como referência em suas ilustrações, mesmo quando desenhavam elas mesmas ou membros de sua família que tivessem a pele escura. Tons claros eram sempre preferidos pelas crianças, em especial o que elas costumavam chamar de “*lápis cor de pele*”, que é o bege rosado comum em caixas de lápis de 12 cores.

Considerando a limitação de recursos disponíveis na escola, buscamos alternativas criativas para ampliar o repertório de cores disponíveis para as crianças durante suas produções artísticas. A partir de giz de cera usado que já não despertava mais interesse foi realizada a produção artesanal de novos gizes em diferentes tonalidades de pele. Para alcançar maior diversidade cromática, foram feitas misturas com giz de cera derretido que envolviam cores como marrom, verde, vermelho, laranja, branco e salmão,

resultando em aproximadamente 24 variações de tons de pele. Os gizes foram moldados em forma de coração a fim de torná-los virtualmente atrativos além do formato ser anatomicamente confortável para as crianças utilizarem.

Após a produção dos gizes em diferentes tonalidades de pele, foi apresentado às crianças o livro *A cor de Coraline* (Rampazo, 2018), narra uma situação cotidiana em que um colega pede emprestado à protagonista “o lápis cor de pele”. Ao longo da história, Coraline reflete sobre o que significaria tal expressão, e somente no final descobrimos que se trata de uma menina negra. A obra se mostrou um recurso fundamental para iniciar o projeto, pois possibilitou problematizar a ideia de uma única “cor de pele” e criar um espaço de diálogo com as crianças.

Fizemos uma roda de conversa e apresentamos uma imagem da paleta de tons de pele *Humanae* criada pela fotógrafa Angélica Dass. Em seguida, realizamos a produção artesanal de tintas guache em diversas tonalidades, de modo que cada criança pudesse experimentar e reconhecer as múltiplas possibilidades de representação da pele humana.

No primeiro momento, antes da contação de história as crianças tiveram contato com os gizes e foi observado que elas tinham preferência pelas tonalidades mais claras, mesmo as crianças retintas optaram por tonalidades beges e rosadas. Após a contação e exposição da obra de Angélica Dass, o interesse das crianças por tons de pele mais parecidos com os seus próprios aumentou significativamente. Outro elemento importante nessa etapa foi o uso de espelho que permitiu que cada criança se observasse durante a confecção de seu autorretrato explorando os gizes e as tintas.

Foto 1 - Humanae



Fonte: Dress (2012)

Foto 2 – Mãos com giz



Fonte: Acervo pessoal das autoras

Foto 3 – Gizes artesanais



Fonte: Acervo pessoal das autoras

O projeto se mostrou promissor e com boa adesão por parte das crianças que se mostraram interessadas e reflexivas durante a atividade. Um exemplo significativo aconteceu com Matheus, de 5 anos, que anteriormente insistia em usar tons mais claros para se representar. Em determinado momento, ao se olhar no espelho e explorar novos gizes, Matheus espontaneamente diz: “Tia, sabia que eu sou marrom?”. Essa fala evidencia o potencial das atividades em promover o reconhecimento da própria identidade, reforçando o sentido de pertencimento e valorização da diversidade étnico-racial no cotidiano escolar.

O projeto foi expandido para as demais turmas da EMEI, replicando as atividades e adaptando-as conforme a faixa etária de cada grupo. Mesmo entre as crianças de 2 anos, foi possível observar padrões semelhantes: no primeiro momento, muitas continuavam a escolher preferencialmente os tons de pele mais claros, apesar da diversidade de cores disponibilizada.

Além das atividades relacionadas à cor da pele, também foram propostas ações sobre diferentes texturas de cabelo. Para tanto, utilizamos como materiais de apoio o curta-metragem *Love Hair: Amor de Cabelo*, de Matthew A. Cherry. Apresentamos diferentes curvaturas de cabelo às crianças e as reproduzimos em um cartaz utilizando lã, além de fotografarmos o cabelo de cada criança para que pudessem desenhar a curvatura tendo seu próprio cabelo como referência. Essa atividade foi realizada inicialmente pelo Infantil 5A no período da manhã, e, no período da tarde, o Infantil 2A teve interações espontaneamente com a obra realizada pelos colegas, demonstrando interesse e curiosidade ao explorar a atividade da turma mais velha, eles comparavam a textura dos cabelos e evidenciaram semelhanças e diferenças.

Foto 4 - Crianças interagindo com o cartaz sobre textura e cabelo



Fonte: Acervo pessoal das autoras

Outra proposta do projeto foi a criação de um mural com personalidades negras históricas e contemporâneas de relevância social, histórica e cultural, como Zumbi dos Palmares, Dandara, Luíza Mahin, Luiz Gama, Gilberto Gil, Rebeca Andrade, entre outros, com o intuito de evidenciar a ancestralidade na figura dessas pessoas entendendo que nossos passos vêm de longe ao mesmo tempo que trazemos a representatividade de figuras contemporâneas que as crianças têm acesso na mídia atual. Apresentamos para as crianças o símbolo adinkra de Sankofa como um movimento de olhar para trás e resgatar os saberes ancestrais, para entendimento do presente e construção do futuro.

O Sankofa, é a figura de um pássaro mítico que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás e carregando no seu bico um ovo, o futuro. Esse movimento propõe o retorno ao passado, voltar às nossas raízes, para adquirir fôlego e sabedoria para continuar a caminhada. Não é um movimento saudosista e com perspectiva de fazer tudo como era antigamente, mas ser capaz de alimentado pela sabedoria dos nossos ancestrais construir um futuro melhor (Oliveira; Lima, 2024, p.273)

Na construção desse mural incluímos também pessoas negras que trabalham na escola e estão presentes no dia a dia das crianças como membros da gestão escolar e do corpo docente tendo como objetivo expandir as referências negras das crianças e demonstrar que pessoas próximas também ocupam espaços.



Ademais, ao longo do projeto, foram apresentadas outras obras de literatura infantil que reforçam o protagonismo negro. Entre elas destaca-se *O Pequeno Príncipe Preto*, (França, 2021) no qual as crianças tiveram contato com símbolos e conceitos de grande relevância cultural, como o baobá, o princípio do ubuntu e a centralidade do afeto. A leitura desse livro possibilitou não apenas a ampliação do repertório cultural das crianças, mas também a valorização de narrativas negras que se distanciam dos estereótipos, colocando sujeitos negros como protagonistas de suas próprias histórias.

Para trabalhar questões relacionadas à identidade e à ancestralidade, apresentamos às crianças o curta *Meu Nome é Maalum* (Domingues; Mota, 2021), que conta a história de uma menina negra em seu primeiro contato com a escola e os desafios enfrentados em uma sociedade racista. Ao longo da narrativa, com o apoio de sua família, Maalum compreende sua importância no mundo e aprende a se orgulhar de quem é. A obra possibilitou reflexões coletivas sobre pertencimento, orgulho da própria identidade e valorização da herança cultural africana, ampliando as discussões já iniciadas no projeto.

Finalizamos o projeto com uma culminância que reuniu a comunidade escolar em um momento de celebração e valorização da diversidade. Organizamos uma exposição com todas as produções artísticas realizadas pelas crianças ao longo do percurso, o que permitiu tornar visível o processo vivido em cada etapa. Além disso, promovemos uma contação de história do livro *Amoras* (Emicida, 2018), reforça o orgulho da identidade negra desde a infância. O evento contou ainda com um desfile no qual cada criança escolheu uma personalidade negra para representar, vivenciando de forma lúdica e significativa a força de referências históricas e contemporâneas. Esse momento de encerramento possibilitou não apenas a síntese do projeto, mas também o compartilhamento das aprendizagens, fortalecendo o sentimento de pertencimento e o reconhecimento da potência das identidades negras.

Foto 5 – Confecção de cartaz**Fonte:** Acervo pessoal das autoras**Foto 6 – Exposição e desfile****Fonte:** Acervo pessoal das autoras

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das práticas pedagógicas presentes no projeto “Nossa cor, Nossas Raízes” podemos concluir sua relevância para a construção de uma educação infantil afrorreferenciada que está em consonância com os marcos legais que estabelecem a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira nas escolas.

Ao longo das atividades, foi possível observar mudanças significativas nas formas de autorrepresentação das crianças e em suas falas sobre si mesmas e seus colegas. O uso de materiais adaptados, como os gizos em diferentes tons de pele, aliado à literatura infantil com protagonismo negro, à exibição de curtas e ao contato com símbolos e personalidades negras históricas e contemporâneas, possibilitou a ampliação do repertório cultural e valorização da diversidade. As crianças demonstraram maior interesse em se reconhecerem em suas produções e passaram a expressar orgulho de suas características físicas, como a cor da pele e o cabelo, também passaram a ter umas às outras como referência e inspiração .

Esse percurso reforça a importância de projetos que articulem identidade, ancestralidade e representatividade na Educação Infantil, em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) e com a Lei nº 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Tais experiências não apenas contribuem para a formação de sujeitos mais conscientes e respeitosos, como também promovem uma escola de educação infantil que reconhece e valoriza a singularidade de suas crianças.



Apesar dos limites enfrentados, como a escassez de recursos materiais, a experiência demonstrou ser possível criar estratégias criativas e significativas de ensino. A culminância do projeto, com exposição, contação de histórias e desfile, evidenciou a potência das crianças em dialogar com suas raízes e se reconhecerem como protagonistas de suas próprias histórias.

Concluimos que o fortalecimento da identidade étnico-racial deve ser um compromisso permanente da Educação Infantil. Mais do que um projeto pontual, trata-se de um caminho contínuo para a construção de uma educação antirracista, afroreferenciada e humanizadora, capaz de formar crianças que se orgulhem de quem são e compreendam a importância da sua singularidade e da diversidade na sociedade.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil/Secretaria de Educação Básica**. Brasília: MEC/SEB, 2009.
- BRASIL, Lei n. **10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro- -Brasileira”, e dá outras providências. *Diário Oficial da União (DOU)*, Brasília, DF, 10 jan. 2003.
- BRASIL, Lei n. **11.645/2008, de 10 de março de 2008**. Altera a lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. *Diário Oficial da União (DOU)*, Brasília, DF, 11 mar. 2008.
- EMICIDA. **Amoras**. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2018. ISBN: 978-85-706-836-7
- FRANÇA, Rodrigo. **O pequeno príncipe preto para pequenos**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2021. ISBN:978-85-706-836-7.
- MACHADO, Adilbênia Freire; OLIVEIRA, Lorena Silva. **Memórias ancestrais e filosofias africanas forjando caminhos para uma educação afroreferenciada**. *Práxis Educativa*, v. 17, p. 1–15, 2022. Disponível em : <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/19478> Acesso em: 22/09/2025.
- OLIVEIRA, H. W., & Lima dos Reis Júnior, R. (2024). **Movimento Sankofa: Buscando nos saberes ancestrais possibilidades de construção dum novo**



metabolismo social. *Revista Desenvolvimento & Civilização*, 5(2).

<https://doi.org/10.12957/rdciv.2024.80427>

RAMPAZO, Alexandre. **A cor de coralline.** Rio de Janeiro: Lendo e Aprendendo, 2018.
ISBN: 979-62533-60-0

DOMINGUES, Magna; MOTA, Fabio. **Meu nome é Maalum.** [S.l.]: Baú Encantado, 2021.